

O ECCO DE



BARCELLOS.

Só em Barcellos houve alardo um dia,
Em que o Sol pelos campos dilatados
Com terrível e fera galhardia
Desasete mil peitos vio armados.

[Poema Epitalamio de Manoel de Gallegos. Oitava 81].

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSÁVEL, DAVID DE BARROS E SILVA BOTELHO.

PREÇO D'ASSIGNATURA.
Por um anno..... 2\$100
Por seis mezes..... 1\$200
Por tres mezes..... \$600

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS.

Numero avulso 30 rs. Anuncios e Correspondencias, por linha 40 rs. Repetições 20 rs. Para os snrs. assignantes por linha 20 rs. repetições 10 rs. Os anuncios e correspondencias, devem ser remettidas francas de porte ao redactor do ECCO DE BARCELLOS. Assigna-se em Barcellos na loja de Joaquim Alves Vallongo e Souza, rua Direita n.º 30.

E COM ESTAMPILHAS.

Por um anno 2\$920
Por seis mezes 1\$460
Por tres mezes \$730
Para o Estrangeiro accresce o porte.

BARCELLOS 20 DE AGOSTO.

Crêmos não ter até hoje renegado o nosso *credo*: crêmos mesmo, que não se nos poderá apontar um só deslize da senda, que promettemos trilhar.

Dissémos, que julgariamos das medidas governativas, não pelos nomes que as assignam ou referendam, mas pelo que em si mesmas fossem para bem ou para mal do paiz; e crêmos assim o ter feito.

Não somos campeadores assalariados, nem partidarios freneticos, que vendamos ao oiro os nossos queridos sentimentos, ou que absorvamos á nação a sua vitalidade.

Accusam-nos de jornalista sem politica definida! E que quer isso dizer? Que significa? Que temos a virtude prima do jornalismo. Que somos imparciaes.

Não queremos comtudo dizer que não tenhamos politica; que a

temos, sim; mas uma politica de aspirações generosas, uma politica empenhada na promoção dos melhoramentos caracteristicos do progresso, e no augmento do bem estar geral.

Esta a nossa divisa. O nosso filo é este.

Promettemos tambem subir á tribuna da imprensa, sem rancores e sem paixões. E crêmoster nossa palavra desempenhada.

Temos igualmente a todo o nosso poder, forcejado por conservar a dignidade do lugar a que subimos, e temol-o alcançado. Neste ponto (releve-se-nos esta pequena vaidade), ninguem nos é superior.

Conhecemos de sobejo a distancia que vai do sanctuario da imprensa á estatua de Pasquino, para que consintamos descabeladas verrinas.

Sabemos que estas ideias vão pouco de harmonia com a ideia da epocha, que só quer detracções

e desconceitos; que ama a maledicencia e a mentira: no em tanto, temos força bastante, para nos não deixarmos arrastar pela ideia predominante.

Que se lucra com essas degladiaçoes que se observam entre quasi todas as classes? Que se lucra com essa desconfiança, que uma parceria contraria intenta introduzir no povo? A anarchia e a desordem. Daqui, a falta de respeito e a insubordinação. Daqui, um juizo a nosso respeito, como o que ha pouco, ha feito um dos principaes órgãos da opinião franceza.

Sem o amor, não ha unidade; sem unidade, não ha força; sem força, havemos de ser o que as mais nações quizerem: havemos de ser *barbaros e selvagens, miseraveis e immoraes!*...

Pelo menos, é assim que somos classificados em França, pela imprensa grave e de sisudo voto nas questoens europeas.

FOLHETIM.

NEORAMA DO RIO CAVADO.

Quando ásidamente admiramos em qualquer neorama uma vista de noite do Palais royal — Praça da Concordia — Boulevard dos Italianos — Tulherias e outros pontos e edificios de Pariz; esquecemos-nos inteiramente de que temos no nosso bello Portugal, e muito principalmente no pittoresco Minho, quadros mais que sufficientes para nos extasiarmos — quer de dia — quer de noite — a vista do individuo não pôde ser saciada por muito que goze.

Um descrente, ou para melhor, um individuo que tenha vivido engolfado nos prazeres dos bailes gozando tão somente o ambiente pestifero dos salões — se se transporta destes n'uma noite de Agosto com brilhante luar e descança nas margens do Cavado sobre o brancassento areal acima da ponte oitenta metros, gosará por certo, o que a mais habil e poetica penna não pôde descrever!

O susurro da agua cahindo dos açudes — as moendas encostadas á ponte com suas fracas luzes dentro, a magestosa ponte de pedra com seus grandiosos arcos reproduzidos na agua pela sombra que a terna luz do luar faz sobresahir no crystallino liquido — barracas de banhos juntas ao areal espaçoso — familias em grupos descansando ali — da esquerda vistos do lado do Poente sobre imminencia os jardins e casas da vil-

la — ao correr do rio arvoredos espessos beyando a agua de uva e outra margem — de quando em quando diversos vehiculos atravessando a ponte com suas pallidecentas luzes amortecidas pelo astro brilhante — faz com que aquelle que não tevivido, mas vegetado — se considere um outro ente que acaba de nascer — porque o passado ou o goso delle morreu para nunca mais ressuscitar á vista de um neorama magestoso!

E o moral do individuo como se ressentido de uma nova vida — quando a par de tanta belleza encontra os seus semelhantes alegres — de um e outro sexo banhando-se: — ali um grupo de jovens donzellas descrevem com innocentes vozes o quanto gostaram do banho — acolá outro grupo solta estridentes risadas por chistosos ditos que lhe fazem estremecer os nervos causando luralidade — mais além branca toalha de linho estendida na fina arêa, mostra ao estomago mais rebelde iguarias e bons vinhos de que se acha cuberta... em derredor della, mancebos, adultos — jovens donzellas e as mãisinhas fazem com os dentes um fac-simile das moendas da ponte — e após isto o Rei dos liquidos circula de mão em mão em crystallinos copos... Tudo brinca — e a natureza folga silenciosa na noite amena apresentando-se soberba de fazer gosar aquelles que tanto a desprezam! — No meio deste quadro difficil de descrever, atravessa o rio fragil batel conduzindo dentro em si folgazões convivas que se vão juntar aquelles grupos.

O monótono sino da Camara annuncia as onze e doze da noite — e não ha forças humanas

que façam sahir desse dóco farihente que a calma do dia e o sitio engolfa as familias que ali se divertem. — Ainda hontem passeando na ponte ás 11 de noite — vi — que no mesmo areal existia um quadro magnifico: — tres familias gozavam em grupo sentadas á moda da Turquia uma frugal e succosa ceia (julgo eu, que não fui proval-a) alumeadas, não só pelo brilhante astro da noite, como por diversas velas dentro d'enormes lampêdes — a fazer trincheira para evitar o zephiro quando corresse mais forte, se viam tres alvos lençoes de linho seguros por tres bengalas acima do nivel d'arêa tres decimetros — e as pardacentas luzes atravessavam com seu clarão tão robusta trincheira aonde se desenbavam as cabeças dos convivas! De vez em quando hiralidade em côro fazia repercutir esses sons nervosos pelo espaço das duas margens... e quereis saber amaveis leitoras, o que causava freneticos risos? — Era nada menos, de que um dos convivas dizia — que somente elle com seu primo resistiriam com uma só bengalla a 60 mil hespanhoes, quando n'aquelle momento se apresentassem a invadir os paços dos primeiros Condes!...

Assim como elles se riam, tambem a vós vos cansará riso com o que findo este mal alinhavado folhetim, o qual tem o exclusivismo de acolher a si quantas sandices lhe queiram encaixar, sem que a seu autor lhe caiba a menor responsabilidade, fazendo chorar de riso e de desprezo os bons escriptores — o que não acontece ao nosso.

— Carvalho da Ponte —

E quem mais ha concorrido para isso? A maldita parceria, o odio e a paixão; e mais que tudo a falta do decoro.

Continuaremos pois pela senda que encelamos; que só assim poderemos ir ter com o nosso fim — o progresso moral e material do paiz —.

Com a devida venia passamos a transcrever a parte essencial da carta do correspondente particular de Pariz do «Commercio do Porto» debaixo da epigraphe—Revista politica estrangeira—que é digna de ser lida e meditada.

PARIZ 5 DE AGOSTO DE 1861.

A bofetada está em moda na Italia. O conde de Goyon deu duas bofetadas Moraes no ministro da guerra de Roma, Monsenhor de Merode. O Papa não sei quantas offereceu ao padre Jacques, confessor de Cavour. Veremos o que aproveitam ao conde de Goyon e a Pio IX esses accessos de colera.

O padre Jacques foi chamado a Roma. Chegou em um dia, e no outro foi apresentar-se ao Pontífice. Este inquiriu-o acerca da confissão do conde de Cavour, e pediu-lhe que lhe dissesse se elle tinha abjurado os erros de doutrina em que cahira. O frade respondeu que na confissão do célebre ministro italiano, elle servira de meio de comunicação entre o peccador e Deus: que nem já se recordava do que ouvira, mas que estava certo de ter cumprido o seu dever. Então o Papa ordenou-lhe que revelasse o que se passara na confissão. O padre Jacques replicou que Sua Santidade mandava o que não podia mandar, e que a religião lhe prescrevia o silencio.

Da presença do Pontífice foi conduzido ao Santo Officio da Inquisição, onde se lhe fez o primeiro interrogatorio, sem ser possível alcançar do padre resposta differente da que dera ao Papa. Então transferiram-no do convento de *Ara Caeli*, que é o da ordem do padre Jacques, para outro, e obrigaram-no a responder em novo interrogatorio, porém com igual resultado.

Depois d'estas tentativas inuteis, foi conduzido outra vez diante do Papa, ao qual disse o mesmo que já tinha dito no interrogatorio do Santo Officio, declarando que preferiria qualquer dos castigos com que alli o tinham ameaçado, ao peccado de revelar o sigillo da confissão. Esta resposta desagradou ao Pontífice, cujo temperamento colérico é sabido, e Sua Santidade, deixando-se dominar de ira extraordinaria, chegou a ameaçar o padre de lhe dar duas bofetadas, asseverando-lhe que o privaria para sempre do exercicio das ordens! Pio IX estava tão nervoso, que, depois de passear no gabinete com grande agitação apesar da doença das pernas, cahiu em uma cadeira, enfraquecido d'este violento accesso de colera.

Este successo foi communicado officialmente por algumas legações aos seus respectivos governos, e eu li hontem uma d'essas communicações officiaes. Eu já suspeitava que a recepção do padre Jacques fóra rigorosa, porque um despacho telegraphico da agencia romana dizia que o Papa o tractára com moderação. Ora, este systema de se sangrar, estando de saude, é tão conhecido, que todos andavam aqui a perguntar o que teria feito o Papa ao confessor de Cavour.

Agora posso acrescentar, sem receio de que me desmintam, que o consul de Italia em Roma, vendo o caso n'estes termos, e temendo da parte do governo romano algum rigor insensato, pediu instrucções para Turin. Consta-me que Ricasoli respondêra: «Não faça cousa alguma. O padre Jacques que cumpra o seu dever de sacerdote catholico, que eu hei-de cumprir o meu na qualidade de ministro de Italia para com um subdito nacional». Entretanto, Ricasoli tomou providencias efficazes a este respeito, de modo que a corte de Roma ficasse livre o caminho das loucuras, mas que a vida e a liberdade do padre fossem respeitadas.

Este triste caso, que eu refiro como está no despacho official a que alludi, e como me foi contado em duas cartas que recebi hontem, uma de Roma, outra de Turin, não carece de commentario. Em Roma julgavam util um documento que provasse a retração de Cavour, e queriam obtê-lo a todo o custo. Triste engano! De que serviria esse documento? Cederiam perante elle os interesses que pelem contra o poder temporal? De certo não. Como é defeituoso o prismã atravez do qual Roma vê os mais importantes negocios! O proprio sigillo da confissão se sacrifica a conservação dos bens temporaes! Parte do chefe da igreja o convile da revelação, e e um simples sacerdote quem se revolta contra esta doutrina, que, por não ser nova, não é menos perniciosa.

Quanto às bofetadas Moraes dadas pelo conde de Goyon em Monsenhor de Merode, eu não approvo o procedimento de quem as mereceu, nem o de quem as deu. Entretanto, e necessario saber que Monsenhor de Merode é um homem novo e forte, que foi capitão de cavalleria na Belgica, que era conhecido antigo do conde de Goyon, talvez parente, e que estas circumstancias permittiram ao general francez uma attitudede, que elle não teria tomado com qualquer outro padre. Se Monsenhor de Merode fosse moderado, cortez e circumspecto, como deve ser um ecclesiastico, e não praticasse em casa do general de Goyon actos mais proprios de um militar grosseiro que de um prelado da igreja, de certo não teria passado pela affronta porque passou.

Mas este negocio do conde de Goyon merece attenção ainda por outros motivos. O caso passou-se, se bem me recordo, no dia 19 de julho. Varios correspondentes de jornaes annunciaram-no para Pariz. Aqui os jornaes, sem especificarem as circumstancias particulares do negocio, disseram todavia alguma cousa. Os periodicos ministeriaes tiveram ordem de desmentir a noticia e ficou o caso assim por muitos dias.

De repente o «Pays», «Journal de l'Empire» contou em letras quasi maiusculas quanto se passára entre Monsenhor de Merode e o general francez, e empregou, sem disfarce, a palavra bofetada. O «Constitutionnel» e a «Patria» repeliram a nota semi-official do «Paiz», e os jornaes amigos intimos do governo voltaram a este assumpto, pediram satisfação do insulto feito à França e ao seu soberano, e até se admiraram de que este negocio produzisse menor indignação do que merecia.

O desmentido primitivo e a maneira pela qual depois se annunciou o caso, indica que os excessos de Monsenhor de Merode servirão de pretexto para alguma resolução do governo francez. Eu escrevi ha dias que os negocios do rei de Napoles e os de Roma estavam resolvidos e que só se tractava de descobrir o meio de chegar à realisação das combinações adoptadas. Disse tambem que o modo seria original. Com effeito, se é este, tem sua originalidade, porque estas scenas de bofetadas e de ameaças de correcções corporeas, usam-se nos mercados entre regateiras, ou nas tabernas entre bebados, mas não se admittiam até agora nas conferencias diplomaticas e entre pessoas de porte grave.

Se esta moda fór pegando, será necessario escolher os membros do corpo diplomatico entre os homens mais alentados de cada nação, e acrescentar às habilitações exigidas para os addidos um exame de bofetão, socco e pontapé. Eu até creio que já ha ministro, que em descobrindo sujeito com este prestimo, o emprega logo na carreira diplomatica. E faz muito bem. Como os negocios se tractam assim, é mister procurar quem os saiba tractar por esse modo.

Não sei se é licito fazer considerações sérias acerca da situação, realmente burlesca, em que se collocou o governo romano. Eu creio que não, e que nem é necessario. Basta a narração d'estes factos para que cada um julgue do estado a que chegou a corte de Roma. A questão do poder temporal aproxima-se da solução final. O governo italiano está prompto a respeitar a auctoridade do Papa e a garantir a sua plena liberdade pessoal e espirital, mas os italianos querem Roma para capital, e hão-de tê-la. Ricasoli não perde de vista este negocio, do qual, mais do que dos esforços de Cialdini e de Pinelli, depende a inteira pacificação do territorio do Napoles.

Assim o quizeram, assim o tenham. Se na

ocasião da paz de Villafranca o Papa se unisse com Victor Manoel e com Napoleão, a Italia estaria hoje organizada em tres monarchias, a do norte com a casa da Saboia, a do sul com a familia real de Napoles, e a do centro com o Papa por soberano. O poder temporal seria conservado. O territorio da igreja, em vez de passar a outro possuidor, augmentaria para o sul e para o norte.

Preferiram a luta. Arriscaram n'ella o poder temporal e perderam-no. Arriscaram o prestigio da auctoridade ecclesiastica e diminuiram-no. Arriscaram o poder espirital e não deram cabo d'elle, porque é de fé que Deus defende a sua igreja, mas, de certo, o não robusteceram. Onde a intolerancia campeja insoffrida e onde se empregam meios como os que se usaram com o confessor de Cavour, o protestantismo acha um campo excellente para trabalhar.

O mais notavel é que a doutrina da revelação dos segredos communicados no confessorio parece escolhida expressamente para favorecer a propaganda protestante. Esta tem em Roma os seus mais ferventes auxiliares, que a authorisa a dizer aos povos: «Vede o que é a confissão auricular. Quando o Papa carecer de «publicar os vossos peccados, manda chamar a «Roma o vosso confessor e ordena-lhe que os «revele. Se elle não fór firme como o padre «Jacques, — e a maior parte não o é — todas as «vossas culpas serão publicadas.» Por isso, eu disse e repito que os maiores e melhores agentes de Victor Manoel são o cardeal Antonelli, Monsenhor de Merode, e o governo romano, o agora affirmo que os mais zelosos amigos do protestantismo são estes senhores.

Agora tractemos de Napoles. Tenho do lá noticias frescas. Cialdini vai preparando a repressão completa dos bandidos, e as suas ultimas participações são animadoras. Desde que se publicaram as instrucções vindas de Turin perdendo aos insurgentes, os soldados do exercito de Francisco II que andavam em guerrilhas tem vindo apresentar-se aos magotes: porém o peor não são as guerrilhas politicas, são os ladrões, porque causam maiores damnos, esão mui difficéis de apauhar.

Para se fazer ideia da situação, é necessario saber que nas vizinhanças de Napoles todos são bandidos ou favorecedores de bandidos, ou intimidados por elles. O chefe vive na cidade e as vezes é um honrado barguez ou artifice. Este medita o *colpo*, como elles lhe chamam, e avisa os seus conhecidos e cúmplices, que são outros cidadãos pacificos do campo, lavradores, jornalheiros, homens de officio, laborneiros, caleceiros e almocreves.

Na noite ajustada reúnem-se em sitio tambem antecipadamente designado e vão realisar o *colpo*, que é o assalto a uma casa, o roubo de uma diligencia ou qualquer outro intento de proveito. Praticado o acto, no qual, por necessidade ou por inclinação, o assassinato, o stupro e qualquer outro crime, entram, segundo as circumstancias e conforme o gosto dos bandidos, reparte-se o producto entre todos por cathogorias e cada qual volta às suas occupações ordinarias.

No dia seguinte chega a tropa e não encontra adversarios. Vê só lavradores pacificos, homens de officio laboriosos e gente do campo muito honrada e feliz, como o *procur a negotiis* de Horacio. Pergunta às autoridades. Estas dizem que o bando desapareceu. Ellas bem sabem a verdade, mas como a tropa não fica alli, e se ellas fallassem, no dia immediato recebiam a paga, teimam em que não sabem nada e a tropa vai-se embora.

Taes são as difficuldades com que luta o governo de Napoles. Não são insanaveis, porque nós ja vimos em Portugal e em Hespanha o mesmo systema e deu-se cabo d'elle, mas levou tempo. Assim ha-de acontecer no territorio napolitano. Ahi está tambem explicada a razão que obriga Cialdini a armar em toda a parte a guarda nacional. Elle conta com o espirito geral e com o auxilio dos proprietarios e da gente sória.

mas para que esta se resolva a obrar activamente, precisa ter força propria com que persiga os bandidos ou com que se defenda d'elles, quando a vierem aggreder. Se a generalidade do povo napolitano odiasse os piemontezes ou não quizesse a unidade da Italia, seguramente não daria Cialdini armas que em breve se voltariam contra elle.

COMMUNICADOS

Snr. Redactor.—Não pensavamos de certo quando escreviamos o communicado de 8 do corrente, que a veia satyrica dos correspondentes do «Purgatorio», cujo alvo e thema era a pessoa do snr. Padre Domingos Simoens, tão depressa havia de affrouxar e arrefecer. +

Por ventura tornar-se-hia elle o *Cabrin* dos que protestavam dar com elle em Rilha-sólles? Nada: não o acreditamos. O snr. Padre Domingos, desde certa epocha, não mette medo a ninguem, a não ser aos rapazes, ou á tóla do Trezena. +

Mas, por certo, quando ouvimos e vimos aquelle espalhafato de sellar os numeros do «Purgatorio» (e até dizem que mandar emissarios ao Porto...), e logo callarem-se os correspondentes e emmudecerem, permittão-nos que lhes digamos, que fizemos máo juizo a seu respeito.

Não sabemos se os offendemos: dizemos só quaes as impressões que sentimos.

Querem os correspondentes um conselho, se permittem que lh'o dêmos? Ei-lo ahi vai, e aproveite-o quem quizer. Olhem se arranjam o *rol da roupa gaja*, e offereção lhe esse sudario, e as testemunhas (que as ha fidedignas) que presenciarão aquella curiosissima scena. . . .

Procurem tambem aquellas bonitas correspondencias do «Ecco Popular» em fins do anno de 1856, em que o snr. Padre Domingos Simoens, era ridiculamente tratado pelo author ou autores (talvez muito seus conhecidos). . . .

Isto hoje, havia de ser um soberbo *prato de meio* para aguçar a curiosidade e o appetite!

Nós tambem pela nossa parte, prometemos despertar-lo com força e coragem, e não cederemos diante de qualquer *parcalheira*, que faça constar pelos seus *adjuntos e capachos*, que nos vai chamar ao Jury. Para isso é necessario inventar factos novos, e esses calumniosos: mas quando elles forem apenas reproduzidos, dar-lhe-hemos o original donde os houvemos, e do qual se não queixou.

Pode ser que então não tivesse tão exaltada a susceptibilidade nervosa. . . .

Resta-nos fallar com outras pessoas. +

Ha gente de uma moral tão *pura*, que lhe parece que tudo isto por aqui está a cahir de podre e dissolluto! Ainda espero vê-los empunhar a sanfona destemperada de Job, e chorar sobre tantos males! Coitados! Quem os não conhecer que os compre. . . Talvez seja mais suave escrever cartas anonymas. . . +

Por hoje, snr. Redactor, fiquemos aqui com estas reflexões. Gostei sempre de cortar a direito, e por isso revoltam-me sobremaneira certas cousas a que não sei dar nome. +

Barcellos 17 de Agosto. . . .

Snr. Redactor.

Antonio José da Silva Machado, Carteiro do correio desta Villa, tem a honra de responder ao anonymo inserido na folha do dia 14 deste Jornal—Que segundo documentos em seu poder, só se considera responsavel á quantia de 18375, e não á de 38 e tantos reis, de sobras de esmolas pertencentes a N. S. da Abbadia, desta mesma Villa, as quaes se não despendirão por não ter lido lugar maior festividade, que uma Missa no seu dia, isto ha tres annos. — Convida pois a todos os dignos Devotos, para que lhe indiquem dia, hora, e local, para uma conferencia a semilhante respeito, protestando desde ja restituir n'esse acto o que realmente se apurar. — Da mesma forma para satisfazer a ultima parte do dito anonymo convida o seu author, para que declare em que consiste a sua pertençaõ.

Barcellos 16 de Agosto

Antonio José da Silva Machado.

NOTICIAS DIVERSAS.

Côrtes.—Foram prorogadas, hontem(19) ás 3 horas da tarde, as camaras até 31 do corrente mez.

VISITA REAL.—Por parte official já sabemos que S. M. El-Rei depois da inauguração da exposição industrial na cidade do Porto vem definitivamente fazer uma digressão a Braga. Hontem á noite ainda não havia parte official nem ao menos particular se sim ou não S. M. limitava a sua vinda á provincia com a visita a Braga.

AGRADECIMENTO.—Agradecemos a remesas que por um nosso amigo e assignante do Rio de Janeiro nos foi feita dos n.º 202 — 203 e 204 do «Jornal do Commercio» d'aquella cidade. Para satisfazer o nosso e o empenho do nosso amigo tambem, não só transcreveremos os artigos apontados mas até continuaremos a advogar com nossas forças debeis a questão — consulado Portuguez no Rio de Janeiro —.

CONTAS DO MUNICIPIO.—A Camara Municipal deste Concelho fez affixar Editaes annunciando que se achão patentes as contas da receita e despesa da sua gerencia respeitantes ao anno economico de 1860-1861; e convidando a quem interessar no seu exame, a vê-las e examinal-as.

ADMINISTRAÇÃO DA CASA DE BRAGANÇA.—Foi nomeado administrador e recebedor das rendas da serenissima casa de Bragança no Almoxtarifado desta villa o snr. Antonio José Rodrigues Leite acreditado negociante desta mesma villa.

ARRAJAL.—Houve sabbado no Campo da Feira um lindo arraial, por ser vespera da funcção do Senhor d'Agonia, cuja Imagem se venera em um nicho erecto no mesmo Campo da Feira. Houve uma pequenina mas linda illuminação; pouco mas tambem lindo fogo do ar, feito pelo snr. Soares de Vianna do Castello; tocavam no arraial duas bandas de musica uma do snr. Pereira Xavier, de S. Julião de Freixo, e outra do snr. Taveira, de Calvello; ambas agradaram muito e com muita especialidade a do snr. Taveira que parece mais uma banda militar do que musica de pazanos. Gostamos de vêr assim adiantada a muito nobre arte da musica; bom era que todas se vissem áquelle espelho, e que não nos andassem por aqui a matlar algumas bandas de musica, que incommodam mais do que um rancho de Zé Pereira: não ha chulista nenhum que se não tenha arvorado hoje em mestre de musica.

PASSAGEM.—Passou á dias n'esta villa com direcção a Valença o Exm.º Snr. Bispo de Coimbra.

MAIS.—Tem passado nesta villa estes ultimos dias com direcção á feira de Vianna do Castello, por occasião da romagem da Senhora da Agonia, uma quantidade extraordinaria de carros, coupés etc. completamente cheios de gente, dizem-nos que

passára uma locomotiva movida por molas sem o auxilio de cavallos; não a vimos nem sabemos de quem e de donde era.

POLICIA CORRECCIONAL.—Na proxima 6.ª feira 23 do corrente mez é o julgamento em audiencia de policia correccional do sr. Jeronymo Ourives, por ter na passada 6.ª feira desfeito em subloja a snr.ª Maria Joaquina da Trindade mulher do snr. Francisco José Ferreira da freguezia de Cambezes.

Tendo-se formado o auto de corpo de delicto para o respectivo processo, as testemunhas supposto falladas para dizer e disfarçar o caso em nada occultaram a verdade.

He necessario castigo para não continuar este e outros casos.

DESCOBERTA.—Do «Braz Tisana». —Em Leiria, no sitio denominado da Calvaria, acabaram de descobrir-se vestigios d'uma povoação soterrada, por occasião da exploração feita a proposito do apparecimento de grande porção de dinheiro e medalhas romanas, e de supposição da existencia no mesmo local de uma antiga mina de ferro. E com offeito n'aquellas escavações não só tem apparecido innumeras sepulturas, formadas de quatro paredes, e cobertas de lajes inteiriças e razas, com as ossadas dentro inteiras e bem conservadas, e bem assim alicerces de edificios com os telhados abatidos e entre estas ruinas, muitos ossos de gente e animaes, mas tambem todos os indicios de ter ali existido uma mina e fabrica de ferro, pois que se tem desenterrado grande quantidade de ferro em barra. Em muitas sepulturas foram encontrados os ossos petrificados.

Em outro ponto desviado d'aquelle, tambem se encontrou soterrado um forno de cal, onde se achavam uns vinte moios da mesma ainda tão fresca como se tivesse sido cozida n'aquelle anno.

Todas estas circumstancias levam a crêr, que alguma grande calamidade arrazou aquella povoação, deixando até ao presente encobertas as suas ruinas.

NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

Despachos Telegraphicos.

Pest, 10 d'agosto. — Por proposta do conde Szaparys, a mensagem Deak foi aceita pela camara alta, sem modificação alguma, recebendo as aclamações da assemblêa.

Turin, 10. — A «Gazeta official» publica um despacho do barão Ricasoli aos representantes estrangeiros, em que historia a ultima sessão parlamentar; faz constar a ausencia na camara, de deputados que representem as opiniões e interesses dos antigos governos. Acrescenta que a obra da Italia está consummada, bem que parte do territorio se acha ainda em poder de outrem. «A Europa, diz elle, vendo-nos bem organizados, armados e fortificados, se convencerá do nosso direito de possuir inteiramente nosso territorio e apreciará nossa sinceridade, uma vez que offerecemos á igreja independencia e liberdade.»

Berlin, 10. — Continua a agitação em Varsovia.

Participa-se da fronteira polaca, a 10: «Na quinta feira á noite houve um conflicto entre o povo e a tropa, por causa de impedir a illuminação. Foi morta uma pes-

Em

soa, e varias outras prezas. No dia seguinte houve grande agitação. Formaram-se diferentes grupos, que senão dispersaram, apesar da intimação da authoridade. A tropa, depois de se mostrar, entrou em quartéis.»

Berlin, 11. — Participa-se da fronteira polaca a 11.

«O partido da agitação ordenou para o dia 12, uma grande solemnidade, em Varsovia. Espalharam-se circulares, convidando a que se celebre nas igrejas o menoravel anniversario da reunião da Polonia e da Lituania.»

Paris, 10. — O general Gayon não será chamado pelo governo francez, como se disse.

A *Opinion Nacional* assegura que o barão Ricasoli não tenciona apresentar sua demissão.

Idem, 13. — A audiencia da causa de Mirés, em 2.^a instancia, addiu-se para o dia 19.

O *Munteur* publica um decreto, que authorisa os subditos belgas e hollandezes, para entrar em França sem passaporte, e para poderem circular livremente por todo o imperio.

A *Patrie* assegura que o governo francez não approvara previamente, como se suppoz, a circular de Ricasoli, relativa aos negocios de Roma.

Bordeos, 13. — Hontem de tarde rebentou um horroroso incendio nas officinas do caminho de ferro, proximas á ponte metalica do Garona. As perdas são immensas.

Berlin, 11. — Participa-se da fronteira polaca, a 11 d'agosto:

«Desde hontem, está postada a artilheria nas praças e nos jardins publicos de Varsovia. A tropa pernoita nas ruas. Diz-se que a acceitação da demissão de M. Wielopolshi chegara esta noite.»

Vienna, 12. — Diz se que a mensagem da Hungria chegará a Vienna na quinta feira.

Paris, 12. — O rei da Suecia e o principe Oscar sahiram de Paris com direcção á Inglaterra.

O *Payz* dá como positiva a nomeação de M. Benedetti para ministro plenipotenciario de Turin.

O *Moniteur* d'hoje publica o discurso pronunciado pelo Imperador, por motivo da abertura do boulevard de Malesherber. O Imperador, que se abstem de toda a indicação politica, encarece á municipalidade a conveniencia de proteger as classes pobres e reduzir os direitos dos artigos de primeira necessidade.

Roma, 14. — O general Goyon opera diferentes pesquisas nos conventos.

Berlin, 14. — A Prussia reconhecerá muito breve o novo reino de Italia.

A Dieta de Francfort revogará o decreto de execução federal, relativo aos ducados.

NOTICIAS DE HESPAÑIA.

Um jornal hespanhol annuncia que no dia 11 tinha entrado no Oratorio para sofrer a pena ultima, Antonio Mirales, um dos chefes da rebellião de Loja, e que continuavão os julgamentos ácerca de outros réos.

Um jornal annuncia que o ministerio pensa em modificar a politica muito rigorosa, que tem seguido até agora, a respeito da imprensa. No entretanto, o arcebispo de Tarragona, em seu nome, e no de seus collegas, dirigiu ao governo uma carta, supplicando-lhe para desenvolver mais que nunca uma severa vigilancia a respeito dos jor-

naes. O arcebispo de Tarragona está ainda persuadido, mesmo em 1861, que quanto mais a imprensa estiver opprimida, mais a religião está honrada, livre e poderosa!

ANNUNCIOS.

PELO cartorio do escrivão Alvarenga, correm editos de 30 dias a chamar os credores certos e incertos que tiverem direito á quantia de 221\$500 réis, depositada por Manoel José Barboza desta villa no deposito publico, como arrematante de uma casa com seu quintal, sita na rua dos Ferreiros, e que foram do fallecido José Antonio dos Santos Ferreira Barboza, por aquelle arrematadas no inventario que por morte delle se anda fazendo. (154)

PELO cartorio do escrivão Cruz, correm editos de sessenta dias, desde 13 de Agosto, a citar o auzente em parte incerta no imperio do Brazil, Manoel José Martins, filho do fallecido Francisco da Costa Cruz, e de Rosa de Amorim, da freguezia de Cossourado, para juntamente com os demais seus irmãos fallarem na segunda audiencia posterior ao referido praso, a artigos de habilitação, por fallecimento daquelle seu pai, na acção que lhes promovem Antonio Martins e mulher, da freguezia de Mazarefes, julgado de Vianna, com a pena da mesma seguir á sua revelia. (155)

PELO cartorio do escrivão Lima, correm editos de trinta dias a chamar os credores do casal da fallecida Maria Jozefa, viuva, da freguezia de S. Martinho de Gallegos para no sobre dito praso juntarem ao respectivo inventario os titulos comprovativos de seus creditos, com a pena de lhes não serem attendidos. (156)

PELO mesmo cartorio do escrivão Lima, correm editos de trinta dias a chamar os credores do casal do fallecido Manoel da Fonseca, da freguezia de S. Martinho de Gallegos, para no sobre dito praso juntarem ao respectivo inventario os titulos comprovativos de seus creditos, com a pena de lhes não serem attendidos. (157)

PELO cartorio do escrivão Alvarenga correm editos de trinta dias chamando todas as pessoas que tiverem direito á herança de João Lourenço, solteiro, filho de

José Lourenço, viuvo, da freguezia de Santa Lucrecia de Aguiar, fallecido no Rio de Janeiro, para o fazerem dentro do praso referido, com a pena de se julgar tudo por sentença ás suas revelias (160)

ARREMATACÕES

NO dia vinte e cinco do corrente, por 9 horas da manhã, na praça publica desta villa, se tem de proceder na arrematação dos rendimentos da quinta chamada das Capellas, provenientes em pão, vinho, fructas, erva e matto, avaliados em 74\$900 réis, na execução que Manoel José Gomes, viuvo, desta villa, move contra Antonio de Campos, e mulher, desta mesma villa. — Escrivão Lima. — (158)

NO dia vinte e nove do corrente pelas 9 horas da manhã, no tribunal deste concelho, se tem de proceder a arrematação dos rendimentos do praso intitulado a quarta parte da Costa; isto é os rendimentos tamsómente deste presente anno, penhorado ao executado padre Antonio Arantes, de Midões, em execução que lhes faz o M. P. pelo cartorio de Alvarenga. (159)

CASA FELIZ PORTO

Loteria da Misericordia de Lisboa.

4.^a EXTRACÇÃO DO 3.^o TRIMESTRE.

SORTE GRANDE

R\$ 10:000:000

CUNHA & RORIZ

Affiançados no Governo Civil do Porto, na conformidade do edital de 28 de Junho de 1860.

Teem á venda nas suas casas do Cambio, rua das Flores n.º 1 e 3, junto á Igreja da Misericordia, e defronte da Companhia dos Vinhos n.º 96, bilhetes inteiros, a 6\$600, rs. meios ditos, a 3400, rs. quartos, a 1700, rs. e cautelas de 500 rs. e 250, rs. cuja extracção terá logar no dia 24 de Agosto.

Satisfazem todas e quaesquer encommendas que lhes sejam feitas das provincias, com toda a pontualidade, vindo acompanhadas do respectivo importe em vales do correio; e remettem aos seus freguezes as listas dos premios.

OS MESMOS venderam da ultima loteria os seguintes premios em bilhetes inteiros, e parte em meios ditos, quartos e cautelas de 500 e 250 rs.

1994 — 200\$000	1564 — 100\$000
595 — 100\$000	4507 — 100\$000
1333 — 100\$000	4517 — 100\$000
1336 — 100\$00h	4678 — 100\$000

BARCELLOS. — Typographia de José Alves Valongo e Sousa. Rua Direita n.º 28. —